

UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE
PÓS-RS SOCIEDADE, POLÍTICA E CULTURA

Polo de Santo Antônio da Padrelha

Disciplina: História e gênero

ALEXANDRE SILVEIRA DOS REIS

RONIE ANDERSON PEREIRA

UMA BREVE SOBRE A PRINCESA EMÍLIA DE OYA LAJA
E A FORMAÇÃO DA NAÇÃO OYO-JEJE NO RIO GRANDE DO SUL

RESUMO

Trata da importância de Mãe Emília de Oya Lajá, para o desenvolvimento da nação no Rio Grande do Sul, especialmente sobre a formação da nação oyo-jeje. Vertente religiosa africana de tradição yorubá.

Palavras-chave: princesa emília, oyo, jeje, nação

1 INTRODUÇÃO

Ao contrário de outros segmentos da sociedade, na religião africana, a mulher sempre teve e possui ainda hoje grande importância, pois além de estar diretamente ligada a formação da religião africana no Rio Grande do Sul, especialmente a nação oyo, é dirigente em centenas de casas de culto afro, no Rio Grande do Sul e em outros estados do Brasil.

Este artigo tem por objetivo principal mostrar a importância de Mãe Emília de Oya Lajá para a religião africana, sobretudo a formação da nação Oyo, especialmente na cidade de Porto Alegre –RS, responsável por trazer o Oyo diretamente da África para a cidade de Rio Grande, que seguramente veio para Porto Alegre, através dela.

2 PRINCESA EMÍLIA

Muito pouco se sabe da história regressa de Mãe Emília de Oya Lajá, o que se sabe, de acordo com a tradição Oral (forma mais comum que o conhecimento africano permaneceu até os nossos dias), é que era descendente de uma família nobre da África, de local e data de nascimento sem referências diretas.

"A transmissão oral é uma técnica a serviço de um sistema dinâmico. A língua oral está indissoluvelmente ligado à dos gestos, expressões e distância corporal" (SANTOS p.47).

Foi retirada de sua terra natal, de local e data pouco provável, já que os escravos retirados da África, não eram tratados diretamente como seres humanos e sim como mercadoria, o que dificulta bastante a identificação de sua origem já que isso não era importante para época. Cabe uma pesquisa história para que estas informações venham a público e desta forma tenhamos maiores condições de entender a sua influência e características históricas.

Todos os relatos que sabe sobre ela, iniciam na cidade de Rio Grande, já em sua fase adulta, viveu grande parte de sua vida nesta cidade. Não existe conhecimento difundido, escrito, sobre local de nascimento, onde morava e de que forma os seus cultos religiosos aconteciam. Tudo que se sabe é de tradição oral, e muito se perdeu durante décadas em que o batuque do Rio Grande do Sul, foi ignorado pela comunidade acadêmica, que muito estudou os cultos da Bahia e Rio de Janeiro.

Faz-se necessário para obter esses dados uma pesquisa de campo direta nos locais citados de sua vida, a cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, como local onde desembarcou quando veio da África como escrava e na cidade de Porto Alegre, onde morou na rua Visconde do Herval.

A mudança de Mãe Emília para a cidade de Porto Alegre acredita-se, ter sido motivada pela necessidade de dar assistência espiritual aos habitantes da capital, e a tentativa de manter viva a sua tradição religiosa.

Sem dúvida, Mãe Emília, foi mulher, forte, em uma época em que muitas mulheres não se expressavam ou tinham receio de se expressar, fez valer sua opinião, e deu condições do conhecimento da nação Oyo existir, mesmo que com muitas dificuldades (já que muito se perdeu) até os nossos dias de hoje.

Mãe Emília, como ficou conhecida foi responsável por trazer consigo os conhecimentos da nação dos Orixás de Oyo, e cultuá-los na cultura gaúcha.

Para Tacques (2008 p. 84) "um dos pontos iniciais do Oyó, que começa a formar a nossa Bacia, a **Sra Emília Fontes de Araújo**, conhecida como Mãe Emília de Oyá Laja (grifo nosso), que era uma Princesa do Povo Yorubá, na Nigéria ...".

“A família Oyo divide a sua origem com duas irmãs, Ìyá Emília de Oyá Lajá e Ìyá Cesária de Sàngó - Oba Leri. Note que esta nação também divide o trono com duas divindades Oya e Sango. [informação Gilson de Oba, raiz Oyo]” (Wolff, 2013)

Existe muita controvérsia no nascimento e morte da Princesa Emília, no entanto, optou-se na data de 1930, como a que mais foi relatada.

Dentro da história do Brasil, existem, muitas controvérsias sobre a formação do negro, o número de escravos escravizados, onde foram quando vieram e de que forma estes escravos vieram para o Brasil (Carvalho, 2000 p. 6).

Tacques (2008 p. 80) destaca que "Mãe Emília, falecida em 1930, deixou como herdeiro: ... Pai Acimar de Xangô Tayó ...", o que nos leva a definir esta data como mais provável por sua morte.

4 FORMAÇÃO DA NAÇÃO OYO-JEJE

Pai Acimar de Xangô Tayó, foi o responsável pela formação da nação oyo-jeje, conforme nos destaca Tacques.

"Pai Acimar de Xangô Tayó, Sr Acimar Cezarino Ribeiro dos Santos, que iniciou oficialmente a nossa Bacia no Rio Grande do Sul com Oyó e Jeje. Pai Acimar também faz parte da Bacia do Pai Antoninho de Oxum. Pertenceu a gamela de Mãe Nicola de Xangô Bamboxê e passou para Mãe Miguelina conhecida como Mãe Miguela de Xangô Tayó." (Tacques, 2008 85-86 p.)

Ao se analisar a formação da religião africana no Rio Grande do Sul, nos é possível perceber que ao contrário do que muitos acreditam a Batuque do Rio Grande do Sul, de forma alguma é uma ramificação do Cadomblé presente na Bahia, já que apresenta ritos e fundamentos bem diferenciados.

Assim como o Cadomblé bahiano, o batuque do riograndense apresenta raízes diretas no continente africano, tendo a sua formação praticamente na mesma época com vinda dos escravos ao para o Brasil.

Na África cada região cultuava um grupo diferentes de Orixás, de forma diferente, com dogmas e rituais, de acordo com a região geográfica. Quando os escravos vieram para o Brasil, trouxeram consigo estas nações diferentes.

Com a escravidão estes escravos, vindos ao Brasil, viram a sua cultura ser desmantelada, e com a possibilidade de ser perdida, organizando assim o culto em nosso país. Como vieram de regiões diferentes, trouxeram consigo ritos diferentes, que foram unidos aqui, especialmente no Rio Grande do Sul, formando o que se entende por Batuque.

Cada região oriunda diretamente da África, criou um nação diferente, jeje, oyo, ijexá, nagô, cabinda, dentre outras.

Uma das ramificações da nação Oyo (nosso objeto de estudo) é formada por Pai Acimar de Xangô, herdeiro espiritual de Mãe Emília.

"Pai Acimar de Xangô Tayó, Sr Acimar Cezarino Ribeiro dos Santos, que iniciou oficialmente a nossa Bacia no Rio Grande do Sul com Oyó e Jeje. Pai Acimar também faz parte da Bacia do Pai Antoninho de Oxum. Pertenceu a gamela de Mãe Nicola de Xangô Bamboxê e passou para Mãe Miguelina conhecida como Mãe Miguela de Xangô Tayó." (Tacques, 2008 85-86 p.)

Desta maneira é fácil perceber a importância de Mãe Emília de Oya Lajá, ou simplesmente Princesa Emília, pois a vertende criada por ela, ainda hoje está presente, em dezenas de casas de axé oriundas de Pai Acimar.

É importante que todos tenham a visão de que para a entender a cultura de um povo é necessário sempre se olhar para traz, analisar nossa história, e verificar quem to foram nossos peronagens.

Não é possível querer entender a história apenas sobre o enfoque de alguns historiadores que muitas vezes realizam pesquisas patrocinadas por instituições que já determinam o resultado final que esperam daquela pesquisa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de uma mulher negra, como a Princesa Emília de Oya Lajá, é de extrema importância, pois de uma só vez nos torna possível a compreensão de duas coisas, a influência da mulher na religião, e sobretudo a importância da mulher negra, em uma época onde a cultura africana era sempre muito criticada.

“Entender nossa história é compreender o presente, o porque fazemos de um jeito e porque não fazemos de outra forma. Na religião africana, o conhecimento é na sua maior parte transmitido pela oralidade, neste sentido se faz necessário saber de quem recebemos o conhecimento que praticamos”. (Pereira, 2013)

Quando se compreende a história e a importância de pessoas influentes, temos condições de entender a dinâmica social em que estamos inseridos, alguns porques, indagações e de que maneira a estas possibilitaram a mudança de conceitos.

A história do Rio Grande do Sul é repleta de exemplos de homens e mulheres que mudaram o rumo de suas comunidades, na cultura, na religião, na política. É importante que todos comecem a repensar a história, que releer o que existe, filtrar o que é necessário e procurar reescrever, desenvolver senso crítico, para fazer com que as pessoas também façam isso.

É necessário e importante conhecer a formação da religião africana no Rio Grande do Sul, essencialmente da nação Oyo-jeje, para poder compreender de que maneira a religião africana influenciou a cultura, a política e costumes gaúchos.

Entender o passado, sempre nos faz compreender melhor nosso presente, nossa história e nossa raiz.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marcom Antonio de. **Cultura negra**. São Paulo: Editora Três, 2000.

FALANDO das nações do batuque. Disponível por http://blogs.montevideo.com.uy/blognoticiasarchivo_18174_20100601_20100630_1.html em 24 ago 2013

PEREIRA, Ronie Anderson. **Origem feitura Pai Ronie de Ogum**. Disponível por <http://ileorixa.com.br/paironie/religiao/historia.html>, em 24 ago 2013. Publicado em 07 fev 2013.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia**; traduzido pela Universidade Federal da Bahia. 13 ed. Petrópolis, Vozes, 2008.

TACQUES, Ivone Aguiar. **Ilê-Ifé: de onde viemos**. Porto Alegre: Artha, 2008.

WOLFF, Erick. **A estrutura religiosa afroconesul e os concitos yorubas. Parte 2**. Publicado na Revista Olorum, n. 6, outubro de 2011. Disponível por http://mantodeoxala.blogspot.com.br/2012/11/a-estrutura-religiosa-afrosul-e-os_9.html em 25 ago 2013

